

# ENTRE “O NOSSO JEITO” E O “NEGÓCIO DOS BRANCOS”: UMA ABORDAGEM SOBRE OS SISTEMAS AGRÍCOLAS DAS MULHERES MEBÊNGOKRÊ E TAPAYUNA E O AGRONEGÓCIO NA TERRA INDÍGENA CAPOTO JARINA (MT, BRASIL)

ISABEL FERREIRA VARGAS<sup>1</sup>; LORI ALTMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Núcleo de Etnologia Ameríndia da Universidade Federal de Pelotas -  
isabelferreiravargas@gmail.com

<sup>2</sup>Núcleo de Etnologia Ameríndia da Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as aproximações entre os sistemas agrícolas tradicionais das mulheres indígenas Mebêngokrê e Tapayuna da Terra Indígena Capoto Jarina (MT, Brasil) e o agronegócio. As mulheres possuem papel de destaque nas dinâmicas das práticas agrícolas ameríndias (MORIM DE LIMA, 2016) e o agronegócio se constitui como foco de análise pela incidência que tem sobre o território aqui aludido.

Problematizo as interações entre esses dois modelos agrícolas - o tradicional indígena e o agronegócio - e quais as relações que compõem esse processo. Objetivo descrever o estado atual da agrobiodiversidade nas aldeias Piaraçu e Kaweretxiko (TI Capoto Jarina), tendo as mulheres Mebêngokrê e Tapayuna como agentes dessa pesquisa, bem como suas práticas agrícolas.

Em termos de fundamentação teórica, efetuo um diálogo com a etnoecologia (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015) e com a perspectiva feminista na construção do pensamento etnográfico. Tais abordagens possibilitam ultrapassar ideias pré-concebidas sobre os cultivos tradicionais ameríndios, principalmente os da família Jê, que historicamente foram classificados pela falta da agricultura (MORIM DE LIMA, 2019). E em se tratando de uma abordagem feminista na elaboração do texto etnográfico, ressalto a contribuição das pesquisas das antropólogas Ana Gabriela Morim de Lima, Marilyn Strathern, Vanessa Lea e Manuela Carneiro da Cunha.

Contextualizo agora o território no qual o estudo se desenvolve: a aldeia Piaraçu é habitada, majoritariamente, pelo povo Mebêngôkre, e fica na beira da BR 080, que escoia a produção agropecuária do Mato Grosso, tendo sido retomada da Fazenda Agropexim (LEA, 1997). A aldeia Kaweretxiko é povoada pelo povo Tapayuna, localiza-se às margens do Rio Xingu e possui acesso somente por barco ou avião. Ambos os povos, Mebêngokrê e Tapayuna, pertencem à família linguística Jê e compartilham similaridades na organização social e no entendimento sobre as espécies vegetais (Idem, 1997).

Importante frisar que a Terra Indígena Capoto Jarina (TI) é uma área contígua ao Parque Indígena do Xingu, no Estado do Mato Grosso, em uma região identificada como “Arco de Desmatamento” (LUI & MOLINA, 2009) e cercada por empreendimentos agropecuários. A TI foi demarcada em 1991, com uma área de 635 mil hectares<sup>1</sup>, tendo o Bioma Amazônico como predominante, havendo zonas de ecótono: transição Cerrado/Amazônia.

## 2. METODOLOGIA

---

<sup>1</sup><https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3641>

A observação participante e o método etnográfico fazem parte do aparato teórico metodológico utilizado na construção do estudo. A escolha pela observação participante ocorreu pelo potencial que esse método apresenta para a etnografia (SHAH, 2020). A observação participante foi a forma de interação que estabeleci com as mulheres, onde além de “fazer o campo” da pesquisa, era necessário executar as atividades do projeto de Agrofloresta.

Para desenvolver a pesquisa fiz uso das anotações realizadas durante o trabalho de campo de implantação de Sistemas Agroflorestais na TI Capoto Jarina, entre outubro de 2021 e novembro de 2022, quando compus a equipe da Organização Não Governamental (ONG) Mutirão Agroflorestal em um projeto denominado “Mebêngôkre Pyká Anodjá”<sup>2</sup> em parceria com o Instituto Raoni.

Em campo, contei com a parceria de Raiu Metyktire, que me acompanhou e propiciou inúmeras interações com as mulheres que não seriam possíveis sem a sua presença. Nas reuniões e conversas com a equipe e os homens das comunidades, Kokokroriti, seu esposo, fez a tradução de termos técnicos e culturais. Dispus também das contribuições de algumas mulheres Mebêngôkre - lapi e Nhakti - e de Kawetxi Tapayuna, que me levaram às suas roças e apresentaram às plantas, além dos jovens da equipe de Agentes Agroflorestais Indígenas. Cito aqui, pois os considero sujeitos produtores dessa pesquisa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo com ênfase nas práticas agrícolas das mulheres Mebêngokrê e Tapayuna se deve ao fato delas serem as “donas das roças”. Cabe ressaltar que “donas” não tem sentido de propriedade, mas de uma relação corporal e afetiva com as roças, que envolve cuidado e trabalho (Carneiro da Cunha, 2014; Emperaire, 2014). Ainda que se entenda o debate sobre a complementaridade dos papéis produtivos de homens e mulheres (MORIM DE LIMA, 2016) e que se aborde o gênero a partir de uma perspectiva relacional (STRATHERN, 2017), é notável a centralidade que as mulheres exercem nas dinâmicas agrícolas e nas sociedades Mebêngôkre e Tapayuna (LEA, 1993).

A chegada ao território indígena pela BR 0-80 mostra o contraste entre o agronegócio - grandes extensões de terra devastada pela monocultura e pecuária - e a TI Capoto Jarina e Parque Indígena do Xingu - áreas de floresta manejadas pelos povos originários. O limite entre uma e outra, definido por uma placa do Governo Federal que indica “Terra Indígena”, é uma ruptura na paisagem, uma passagem entre duas perspectivas e propostas de mundos distintos.

O agronegócio é um modelo de negócio agrícola baseado no padrão de produção neoliberal. É caracterizado pela concentração fundiária, alta mecanização, exploração de recursos naturais e produção de *commodities* para o mercado externo (HEREDIA, 2010). No que tange o contexto brasileiro, assume um viés político-econômico através da “bancada ruralista”, que define a agenda política e ambiental nacional.

Em Piraçu, fui com quatro mulheres e uma criança a uma roça antiga, com cerca de dois anos de pousio, para coletar manivas de mandioca para o cultivo na Agrofloresta. Essa roça apresenta etnovarietades de mandioca, inhames, batatas-doces e frutíferas nativas, além de um solo que se diferencia

---

<sup>2</sup> “Mebêngôkre cuida da terra”, tradução feita por Kokokroriti e Raiu Metyktire.

dos vistos em roças recentes ou nas áreas invadidas pelo capim andropogon<sup>3</sup>, porque apresenta aspecto grumoso e cor preta, que são indicativos de fertilidade e de manejo adequado (PRIMAVESI, 2016).

Em Kaweretxiko, Raiu e eu acompanhamos Kawetxi em sua roça de mandioca. Em meio a uma ampla variedade de plantas, Kawetxi reconhece as mandiocas pelas folhas, cor das hastes e também pelo sabor da raiz. Consorciadas nessa roça, havia pimenta, abóbora, batata-doce, cabaça e cupá<sup>4</sup>. Nessa aldeia, há um número maior de roças, com mais etnovariedades e elas estão cercadas por florestas em processo avançado de regeneração, o que indica tempo maior de pousio. A variedade de espécies vegetais e animais presentes indica a beleza da roça Mebêngôkre, pois o entendimento do que é belo em um roçado, para esse povo, está associado à diversidade de plantas cultivadas (ROBERT, et al. 2012).

Nessas caminhadas, pude observar que as mulheres Mebêngôkre e Tapayuna têm um aprimorado conhecimento do solo e dos ciclos de vida das espécies vegetais. Pela observação das plantas que crescem ao longo da trilha, elas sabem indicar se o solo está propício para fazer uma roça e em quanto tempo ocorrerá a mudança de estação. Esses povos possuem um amplo conhecimento etnológico, fazendo a classificação de diferentes tipos de solos e florestas, bem como as espécies para serem cultivadas e o manejo para cada uma (LEA, 1997; POSEY, 1986).

As tensões entre os sistemas agrícolas ameríndios e o agronegócio se dão não somente no âmbito ambiental, ou seja, espécies e técnicas de cultivo, mas também no aspecto político com a pressão que há sobre os territórios indígenas. Há o nível sociocosmológico dos sistemas agrícolas ameríndios, que ultrapassam as questões acima mencionadas, e atravessam os hábitos alimentares e visões de mundo.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao longo do trabalho foi possível observar que as mulheres “donas das roças” visitadas mantêm seus sistemas agrícolas tradicionais em paralelo à inserção de cultivares do agronegócio, como é o caso do milho híbrido ou transgênico. A própria Agrofloresta, que difere das práticas tradicionais no que se refere ao uso do fogo, é uma técnica exercida em paralelo. A partir do trabalho de campo, pude constatar que a influência do agronegócio é notada principalmente nos hábitos alimentares, pelo consumo de produtos advindos da cidade, o que ao longo do tempo transforma as práticas agrícolas.

A pesquisa está em andamento, mas foi possível aferir que os cultivos tradicionais resistem à pressão exercida pelo agronegócio, ainda que com perda significativa de variedades, como é o caso dos milhos e batatas-doce. Além disso, as pesquisas acerca de como a biodiversidade está relacionada com a agricultura ameríndia são necessárias por produzirem conhecimento sobre um grupo, que tem seus territórios e formas de vida - e de fazer agricultura - ameaçados constantemente.

Portanto, é imprescindível fazer pesquisas para desvendar, qual caminhos os sistemas agrícolas ameríndios seguem como estratégia de resistência ao

---

<sup>3</sup> O capim andropogon (*Andropogon sp.*) é uma gramínea exótica e invasora amplamente utilizada como pastagem. Aqui é um efeito ambiental remanescente da Fazenda Agropexim.

<sup>4</sup> Cupá (*Cissus gongylodes*) é uma trepadeira nativa usada como tempero.

agronegócio e qual o papel das mulheres Mebêngôkre e Tapayuna nesse processo é uma tarefa que requer tempo e aliados. Ademais, problematizar categorias antropológicas pré-existentes no que se refere aos estudos sobre os povos Jê, as mulheres ameríndias e a agricultura tradicional Mebêngôkre e Tapayuna é um ferramenta política e uma oportunidade de descolonizar o fazer antropológico.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Políticas Culturais e povos indígenas. Uma introdução. In: CARNEIRO DA CUNHA, M.; Cesarino, P. de N. (orgs). **Políticas Culturais e Povos Indígenas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p.9-21.
- EMPERAIRE, Laure. Patrimônio agrícola e modernidade. In: CARNEIRO DA CUNHA, M.; Cesarino, P. de N. (orgs). **Políticas Culturais e Povos Indígenas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 59-89.
- HEREDIA, B.; PALMEIRA, M.; LEITE, S. P. Sociedade e economia do “agronegócio” no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, p. 159-176, 2010.
- LEA, Vanessa. **Kapoto: laudo antropológico**. Campinas: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.
- \_\_\_\_\_. "Casas e casas mebengokre (Jê)". In: **Amazônia: Etnologia e História Indígena**. M. Carneiro da Cunha e E. B. Viveiros de Castro (Org). São Paulo: Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da USP/FAPESP, 1993.
- LUI, Gabriel & MOLINA, Silvia. (2009). Ocupação Humana e Transformação das Paisagens na Amazônia Brasileira. **Amazônica - Revista de Antropologia**. 1. 10.18542/amazonica.v1i1.156.
- MORIM DE LIMA, Ana G. “Brotou batata para mim” Cultivo, gênero e ritual entre os Krahô (TO, Brasil). **Tese**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Etnografias Jê e as plantas cultivadas: contribuições para o debate sobre sistemas agrícolas tradicionais**. Revista de Antropologia da UFSCar, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 293–325, 2019. DOI: 10.52426/rau.v11i2.323. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/323>. Acesso em: 26 out. 2022.
- POSEY, D. A. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). In: RIBEIRO, D. (Coord.). **Suma Etnológica Brasileira: Etnobiologia**. 3. ed. Belém: Editora da UFPA, 1986, p. 199-213.
- PRIMAVESI, Ana Maria. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2ª ed. rev. São Paulo: Expressão Popular, 2016.
- ROBERT, Pascale de; LÓPEZ GARCÉS, Claudia; LAQUES, Anne-Elisabeth; COELHO-FERREIRA, Márlia. **A beleza das roças: agrobiodiversidade Mebêngôkre-Kayapó em tempos de globalização**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 2, pp. 339-369, maio-ago. 2012.
- SHAH, Alpa. **Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária**. R@U-Revista de @ntropologia da UFSCar 12(1), jan./jun, 2020.
- STRATHERN, Marilyn. **O Efeito Etnográfico**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ, 2015.